

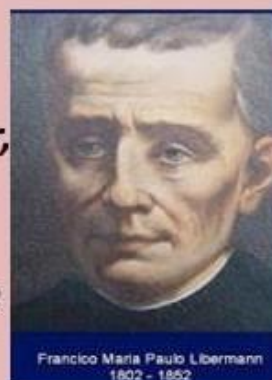
IDENTIDADE E VOCAÇÃO ESPIRITAN A
02 OUTUBRO 2013 – 02 FEVEREIRO 2015
AC - I/7/01-2014 - PO



Novena de Libermann

24 janeiro – 1 fevereiro 2014

Pai Santo, que sois admirável no vosso amor, concedei-nos a graça de ver confirmado pela Igreja o belo testemunho de fé e de santidade que Libermann nos deixou.



E assim, iluminados pelo seu testemunho missionário, nos sentimos impelidos pelo Espírito a proclamar a Boa Nova da Salvação com renovado ardor. Concedei-nos, vos pedimos, pelo Sagrado Coração de Maria, a sua beatificação e as graçasque por sua intercessão imploramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amen

Dia 1 - RECEBER O BATISMO AOS 24 ANOS

Libermann nasceu a 12 de Abril de 1802, em Saverne, na região da Alsácia (França), no seio de uma Família judia. A França tinha iniciado, poucos anos antes, uma das maiores mudanças sociais e políticas de toda a sua história e que influenciou o mundo inteiro. As reformas trazidas pela Revolução Francesa (1789) e pelas leis de Napoleão, (1806) para favorecer a inclusão dos judeus na sociedade, tiveram um impacto muito forte na sociedade judaica que se abriu a novas correntes de pensamento provocando mesmo uma onda de conversões ao cristianismo.

Lázaro Libermann, pai de Jacob, era o rabino de Saverne nessa ocasião e foi um dos grandes opositores a essa reforma social que afetava necessariamente o estilo de vida judaico. Judeu convicto e praticante, educou os seus filhos na mais estrita observância da lei. Jacob, jovem dócil e inteligente, era o seu filho predilecto, e, em sua mente, o mais apto a suceder-lhe na função do rabinato. Foi com esse objectivo que o mandou para Metz estudar e preparar-se para o cargo, em 1822.

Para Jacob, que tinha 20 anos, a estadia em Metz, foi um tempo de desencanto em relação à fé judaica, levando-o à indiferença religiosa, desgostado pela estreiteza de espírito e pelas divisões que reinavam na escola rabínica de Metz. Começou a aprender outras línguas e a ler outros livros que estavam em moda na época. Foi com um desses livros, o “Emílio” de Rousseau, que a sua fé judaica entrou profundamente em crise. Aconselhado por um colega decidiu-se ir a Paris para dialogar com alguns convertidos, entre eles, dois dos seus irmãos e um antigo professor de Talmud, o Dr. Drach. Chegou a Paris a meados de novembro de 1826, ficando hospedado em casa de seu irmão. A felicidade que notou em seus irmãos já cristãos, o diálogo com o professor Drach e a leitura dos livros que este lhe oferecera sobre a História da Doutrina Cristã, criaram nele uma inquietação profunda; num dia de solidão e saudade, sozinho num pequeno quarto, do colégio Estanislau, todas as questões lhe vieram à mente: onde estava afinal a verdade? Teria ele vivido 24 anos no erro? Voltou-se para o Deus de seus pais e num gesto de profunda humildade pediu para ser iluminado. A luz veio então ao seu coração e sentiu-se interiormente transformado. Abriram-se-lhe os olhos e já só queria ser baptizado. No baptismo, adotou o nome de Francisco Maria Paulo Libermann. Tinha 24 anos quando se tornou cristão.

Leitura bíblica: Fil. 3, 5-12 (*Leitura orante da Palavra*)

Texto de Libermann: O Senhor, que está perto dos que o invocam do fundo do coração, escutou a minha oração. De repente, fui esclarecido, e vi a verdade: a fé penetrou o meu espírito e o meu coração... Desde esse momento, nada desejava tanto como ver-me mergulhado na piscina sagrada. Essa felicidade não se fez esperar: prepararam-me intensamente para esse sacramento admirável, e recebi-o na véspera de Natal. Nesse mesmo dia fui admitido à sagrada Mesa. É-me impossível explicar a mudança admirável que se operou em mim no momento em que a água do batismo escorreu pela minha frente. *Antologia Espiritana p. 56*

RVS 50: *Pelo baptismo Deus chama-nos, como a todos os cristãos, ao amor perfeito e à santidade, para continuarmos na Igreja a missão de Cristo no meio dos homens.*

Questão para reflexão:

Podemos nós já ter passado por crises semelhantes às que viveu Libermann: cair na indiferença religiosa, pôr em questão os ensinamentos da Igreja e a nossa Regra de Vida, atravessar períodos de obscuridade e desânimo. Como vivemos esses momentos?

Dia 2 - DEIXAR SUA FAMÍLIA

Lázaro Libermann, pai de Jacob, não entendeu bem quais as verdadeiras intenções de seu filho quando este lhe pedira para fazer uma viagem a Paris. Convencido de que o movia simplesmente o desejo de aprofundar a fé e as tradições judaicas não se opôs a tal viagem e até lhe deu alguma direcção de gente de confiança com uma carta de recomendação.

O recém batizado, Francisco Maria Paulo, para não ferir seu pai e a sua família de quem tanto gostava, foi escondendo a sua conversão e o seu baptismo enquanto foi possível. Ele sabia o que o pai sofrera com a conversão dos outros irmãos, Sansão, Samuel, Félix. Nas cartas que lhe escrevia dissimulava discretamente o sucedido, com delicadeza evitava o tema e abordava outros assuntos. Ele sabia que a notícia poderia ser fatal para este pai tão dedicado e tão praticante da sua fé, tanto mais que o filho Jacob sempre fora aquele em quem estavam depositadas todas as esperanças para a sucessão no cargo de Rabino de Saverne. Mas a sua conversão saiu no jornal “l’Ami de la Religion” (“O Amigo da Religião”) tornando o facto público e o pai acabou por saber. A reacção do pai não demorou; numa carta que lhe escreveu manifestou-lhe de um modo furioso, todo o seu descontentamento; repreendeu-o pela decisão que tomou e amaldiçoou-o. Francisco Libermann soube, mais tarde, que o pai o tinha deserdado e o tinha declarado morto e ordenou que a família se vestisse de luto quando teve conhecimento da conversão dele. Libermann nunca mais voltou à casa paterna, em Saverne; os irmãos que permaneceram judeus acusaram-no de ser responsável pela morte do pai, que faleceu três anos depois.

Os companheiros no seminário de S. Sulpício aperceberam-se de que algo se passava e ele chegou a comentar com um deles que nos transmitiu este testemunho: *“Recordo ainda a sua profunda dor e admirável resignação quando recebeu a carta onde seu pai o cobria de censuras por causa da sua conversão e o amaldiçoava. Banhado em lágrimas dizia-me: ‘Mas eu sou cristão’. Por entre as lágrimas apercebia-se o sorriso de alegria e de felicidade”*. *Notas e Documentos, vol. I p. 130.*

Mais tarde, em carta a um confrade Libermann comentou: *“Deus deu-me tudo, atraiu-me sem me consultar e com uma violência tal como ainda não vi até agora em mais ninguém. Nosso Senhor concedeu-me a graça de resistir a meu pai, que queria arrancar-me à fé. Renunciei antes a ele que à fé.”* *Antologia, p.62*

Leitura Bíblica: Mt. 10, 37-39 (*Leitura orante da Palavra*)

Testemunho de um discípulo de Libermann:

“Vendo-o muitas vezes derramar lágrimas durante a oração, atrevi-me a perguntar-lhe a causa desta grande tristeza. Confessou-me que havia pertencido à religião judaica, que a maioria dos seus parentes estava ainda no erro e que o pensamento de que eles seguiam no caminho da perdição o entristecia profundamente; suas preces e lágrimas diante de Deus procuravam arrancá-los do erro. Encomendou às minhas pobres orações a sua conversão. Era essa a única consolação que pedia ao céu”. ND I 92

RVS 70.2 *“Como testemunho de pobreza, entregamo-nos à Providência, aceitamos os desenraizamentos culturais e por isso uma certa separação da família, até mesmo a insegurança que as nossas actividades apostólicas podem impor-nos”*.

Questão a refletir: A relação com as nossas famílias supõe algumas renúncias nem sempre bem entendidas. Como vivemos a tensão entre aquilo que eles desejariam, como família de sangue, e aquilo que a vida de religiosos-missionários nos exige?

Dia 3 - ATRAVESSAR A PROVAÇÃO DA DOENÇA

Depois de ser batizado, Libermann entrou no seminário de S. Sulpício em Paris e começou os estudos de teologia, preparando-se para a ordenação. *“A minha entrada no seminário foi um tempo de bênçãos e de alegrias para a minha alma. Sentia-me como se fosse outro, respirava fundo”* diz-nos ele.

Tudo parecia caminhar segundo os seus desejos, quando de repente foi acometido por um ataque de epilepsia justamente antes de receber o subdiaconado. Em carta a seu irmão Sansão manifestava o seu desalento e a sua confiança : *“O meu mal não me deixou completamente e por conseguinte não poderei ser ordenado subdiácono, nos próximos anos e talvez nunca mais. Posso assegurar-te que a **minha querida** doença é para mim **um grande tesouro** preferível a todos os bens que o mundo oferece. Ficarei no seminário enquanto o superior muito bem me quiser acolher”*. Não podia continuar no seminário já que o horizonte da ordenação lhe estava vedado. Voltar para o mundo também não queria. Colocou-se humildemente nas mãos director, disponível para o que achassem melhor, com o único desejo de servir só a Deus, naquilo que dele dependesse. Começou então uma peregrinação de fé que durou dez anos, sem que ele soubesse, durante esse tempo, qual iria ser o desfecho final. Libermann passou, então, por momentos de grande desânimo, e até lhe veio a tentação do suicídio. Em confidência a um condiscípulo confessou que ao atravessar uma ponte lhe vinha o desejo de se atirar ao rio; *“só o olhar do meu Jesus me retém e me dá paciência”*.

O director propôs-lhe então ir para o seminário de Issy, perto de Paris, como ajudante do ecónomo, onde viveu durante seis anos. A doença não o largou e os ataques chegavam quando menos esperava. Mas foi este caminho do calvário que o identificou com Jesus, que o transformou e lhe deu a capacidade de enfrentar outras travessias do deserto, e outras provações inesperadas. Com a doença foi aprofundando o sentido do abandono que se tornou depois uma trave mestra da sua espiritualidade. Foi no seminário de Issy que ele compreendeu que da nossa fraqueza o Senhor faz a Sua força. Reconhecido por todos como doente, tornou-se o confidente de muitos companheiros e um verdadeiro agente de renovação espiritual dos seus condiscípulos.

Leitura Bíblica: Jo 9, 1-7 (*Leitura orante da Palavra*)

Testemunho de um condiscípulo:

O senhor Libermann nada fazia de extraordinário... Tinha uma saúde miserável que era obrigado a cuidar por obediência. Porque chegou tão alto? Por isto: tinha o segredo de fazer as coisas mais comuns de um modo não comum, isto é, de fazê-lo em Nosso Senhor. Quando estava doente, via-se claramente, sem ser espiritual, que não era ele que sofria; parecia emprestar o corpo a Jesus Cristo para sofrer nele... Com um coração sempre cheio de Deus, vendo-O só a Ele em tudo, nos abrasava a todos com suas conversas. A gente via que se animava, que se inflamava, que sentia o que é amar e fazer amar”. (*Notas e Documentos I, 181*)

RVE 147: *Com reconhecimento e alegria, o Instituto ajuda os confrades idosos ou doentes a aceitar com fé e paciência esta nova forma da mesma missão que o Senhor quer confiar-lhes. É sempre uma missão de oração e muitas vezes pelo sofrimento, uma participação na cruz de Cristo. Vividos com fé, estes anos são um tempo de verdadeiro crescimento humano e espiritual e uma graça que o Senhor concede à Congregação.*

Questão para reflectir: Para muitos de nós a doença se tornou “companheira” inseparável do nosso peregrinar. Conviver com ela é sempre uma provação. Em que pode Libermann ser inspirador nessa subida do Calvário que temos de realizar?

Dia 4 - VIVER O FRACASSO

Em Issy, Libermann aprendeu a tudo esperar de Deus. A sua doença barrou-lhe um caminho mas abriu-lhe muitas portas. A sua piedade depressa foi notada e sobretudo a paz constante que nele se manifestava e que irradiava à sua volta. *“Tudo nele mostrava a constante acção da vida sobrenatural.”* Confidente de muitos corações desejosos de trilhar os caminhos da santidade, ele encontrava a palavra justa e adaptada, acompanhando-os na caminhada.

Ao fim de seis anos no seminário de Issy, em 1837, convidaram-no para assumir a tarefa importante de mestre de noviços dos Eudistas, em Rennes. Esta Congregação buscava alguém cuja piedade e profundidade espiritual desse um novo impulso às vocações. Bateram à porta do seminário de Issy, com a esperança fundada de aí encontrar alguém para essa missão. Propuseram-lhes o jovem Libermann para essa tarefa; depois de alguma hesitação ele aceitou e partiu para lá em Julho de 1837.

A sua passagem por Rennes foi um dos momentos mais áridos e difíceis que Libermann viveu. Sentia que a sua acção sobre os noviços não era eficaz e que o seu trabalho não produzia frutos. A ambiguidade sobre o seu papel na orientação da obra depressa se manifestou, pois ele, simples seminarista, sem nenhuma experiência do trabalho pastoral, tinha de orientar noviços que já tinham sido ordenados e nem sempre suas conferências eram bem recebidas. O superior intrometia-se, por vezes, no seu trabalho tirando-lhe autoridade e liberdade. Numa carta ao director do seminário de Issy desabafou deste modo: *“O tempo que passei na Congregação de Jesus e Maria, em Rennes, foi para mim um tempo de aflições e tormentos... Senti-me lá um inútil e incapaz de fazer fosse o que fosse pela glória de Deus... Falava, instruía, tentava inspirar fervor, mas as minhas palavras não tinham vida, nem nenhuma unção divina e não ajudavam nada ao progresso espiritual”*.

Ao fim de dois anos, depois de muito sofrimento decidiu abandonar a obra com um certo sentimento de haver fracassado. Dois amigos, companheiros de Issy, pediram-lhe que se juntasse a eles num projecto novo, para a evangelização dos pobres.

Leitura: Mc 4, 35-40 (*Leitura orante da Palavra*)

Texto Libermann: (Carta a seu irmão Sansão)

Deixei Rennes. Na terra, já não tenho nenhuma pessoa nem criatura alguma em que me possa apoiar. Não tenho nada, não sei o que serei, nem sequer como poderei viver e subsistir, levarei uma vida desprezível, esquecida, descurada, perdida segundo os critérios do mundo. Serei desaprovado por grande parte dos que antes me tinham amor e estima, serei talvez tratado como um insensato, um orgulhoso e até desprezado e perseguido...Reconheçam que temos um Pai nos céus o todo-poderoso e adorável Senhor Jesus e uma mãe poderosa e admirável que nunca hão-de abandonar os que se dão sem reservas à causa da sua glória e do seu amor. Portanto, não tenham medo nem falta de confiança, acreditem que sou o homem mais feliz do mundo porque já não tenho senão Deus, com Jesus e Maria. Já estou no céu, embora vivendo ainda na terra. (*Antologia p. 96*)

RVS 142 *O chamamento de Deus ao serviço do Reino não nos é dirigido de uma vez para sempre: a nossa resposta tem de ser incessantemente actualizada. Precisamos todos, pois, de nos formar continuamente para sermos fiéis à nossa vocação na Igreja e no mundo.*

Questão para refletir: Como concilio o ‘bem da missão’ e a ‘minha’ auto-realização?

Dia 5 - IR A ROMA

A viagem que Libermann decidiu fazer a Roma, depois de ter saído de Rennes, no sentido de apresentar, e fazer aprovar pela Congregação para a Propagação da Fé, um projecto missionário para a evangelização dos negros do Haiti e da Ilha Bourbon seria uma loucura aos olhos humanos. Libermann estava consciente de que muitos o tratariam de “insensato e orgulhoso” ao lançar-se em tal aventura. “*Em Paris, Lyon e Roma todos aqueles a quem falei do meu projecto me desaprovaram*”. Libermann quis apresentar-se sem nenhum trunfo, sem nenhuma influência, sem nenhum apadrinhamento, para estar seguro de que era só a vontade de Deus que o conduzia. Ele sabia os riscos que corria: era apenas seminarista, portador de uma doença que o impedia de ser ordenado padre e completamente desconhecido nos corredores do Vaticano. Confiava somente em Deus e acreditava que o impulso interior que o fazia avançar lhe vinha do Espírito Santo. Por isso remando contra a maré, não desistiu.

O Cardeal Prefeito não o recebeu de modo cordial nem se mostrou entusiasta e a resposta que lhe deu deixou-o gelado: “*não sendo ele padre não podia sequer pensar nas missões*”. O companheiro que foi com ele, o senhor Máximo de la Brunière, abandonou-o, deixando-o na mais extrema penúria. A resposta ao projeto tardava e o tempo de espera fazia-se longo. No pequeno quarto alugado, no sótão da casa, Libermann vivia em extrema pobreza: mal vestido, mal alimentado, sem ter muitas vezes dinheiro para pagar os selos das cartas que escrevia; dedicava muito tempo à oração, meditava a Palavra de Deus, visitava as Igrejas e escrevia. Foi aí que nasceu o “Comentário ao Evangelho de S. João”, e a primeira Regra de Vida para os membros da futura obra; aí se decidiu por dedicar a obra nascente ao Sagrado Coração de Maria. Deus, que não abandona os que n’Ele esperam, deu-lhe, ao fim de um ano, tudo o que era preciso para que a obra pudesse nascer. Depois de uma peregrinação à virgem de Loreto, Libermann sentiu-se curado da epilepsia; ao chegar a casa, uma carta o esperava anunciando-lhe que o bispo de Estrasburgo estaria disposto a ordená-lo; a Congregação para a Propagação da Fé confiava no novo projecto e animava-o a prosseguir.

Leitura: Lc. 14, 28-33 (*Leitura orante da Palavra*)

Início do Memorando apresentado em Roma por Libermann, em Março de 1840

“Somos um grupo de franceses que nos juntámos à volta deste projecto que acreditamos provir realmente de Nosso Senhor... Há cerca de dois anos que nos sentimos enormemente preocupados pelos grandes males que afligem estas populações em muitas terras das que ouvimos falar e pela fraca ajuda que têm recebido para sair da ignorância e do vício em que se arrastam e a que se juntam muitos outros males que os acabrunham e quase os forçam à perdição eterna. Decidimos dedicar-nos à sua salvação, sem olharmos a sacrifícios, porque não ignoramos as dificuldades, humilhações e contrariedades de todo o género que teremos de enfrentar nesta santa obra”. *Ant. p. 285*

Torre d’Aguilha 1.2 *Aquilo que teve origem, pelo poder de Deus, com os nossos fundadores, terá de ser acolhido, seguido e desenvolvido por cada geração sucessiva na diversidade das situações históricas sociais e culturais que se encontram. Não se trata de regressar ao tempo dos nossos começos. Trata-se antes de viver o nosso carisma, da maneira que o viveriam os nossos fundadores.*

Questão para refletir: Como poderei distinguir, nas escolhas que faço e nos projectos que inicio, o que vem do Espírito Santo e o que é, apenas, uma afirmação pessoal ou uma fuga dissimulada a um problema?

Dia 6 - COMPRAR UMA CASA PARA A FORMAÇÃO

Tendo sido ordenado padre no dia 18 de Setembro de 1841, em Amiens, Libermann outra coisa não desejava senão que o projecto missionário avançasse. Podemos dizer que a Congregação do Sagrado Coração de Maria nasceu no sábado seguinte, dia 25, na eucaristia que ele celebrou no altar da arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, pois estavam presentes com ele os sonhadores desse projecto: Le Vavasseur, Tisserant, Collin e o pároco, o P. Desgenettes. Dois dias depois, a 27 de Setembro foram para a nova casa perto de Amiens, comprada para ser o noviciado dos futuros missionários. Os primeiros noviços foram o P. Levavasseur e o Sr. Collin; o P. Tisserant teve de ficar algum tempo mais em Paris por compromissos pastorais. Libermann foi escolhido para ser o formador e o responsável da obra. Foi nessa casa, em La Neuville, que se formaram os primeiros missionários, foi lá que Libermann se revelou como um animador do espírito missionário, um guia espiritual, um arquiteto da missão. Ele sentia-se identificado com a obra, e o seu impulsionador, mas não escondia o que isso lhe pesava: *“Digo francamente que se tivesse sabido o que sei hoje, teria sentido medo e não teria ousado lançar-me a uma coisa tão grande e tão acima da minha fraqueza. Agora que me sinto ligado, tenho que ir em frente; avançarei até que este corpo mortal caia de exaustão, e então Deus encontrará um instrumento mais forte e mais apto para realizar a sua obra”*.

Na casa de formação em La Neuville, o grupo ia crescendo; Libermann ajudava os que chegavam a ganhar um espírito autenticamente missionário. A vida era simples e desenrolava-se entre os trabalhos domésticos, a oração, as conferências de formação espiritual e alguns estudos. De notar que os que se juntavam ao grupo eram na sua maioria ordenados sacerdotes ou estavam em vias de o ser. A alguns leigos, se lhes apontava o caminho de irmãos, que tão necessários seriam no trabalho missionário.

Foi desta casa que saíram os primeiros missionários, foi lá que Libermann recebeu as notícias dos primeiros fracassos, foi lá também que a sua compreensão da vida missionária foi amadurecendo tornando-se sólida e coerente.

Leitura Bíblica: 2ª Tim 2,1-13 (*Leitura orante da Palavra*)

Carta de Libermann escrita em La Neuville em 1844 à comunidade de Las Palmas.

Caríssimos irmãos, amem-se uns aos outros. Que fariam juntos sem paz e sem união? Por isso, mostrem que o espírito de Jesus Cristo está em todos vós pela perfeita união e afeto mútuo. Suportem os defeitos de carácter e as imperfeições uns dos outros. Consolem-se uns aos outros na caridade de Jesus Cristo. Todas as dificuldades juntas nada são se o amor de Jesus vos unir uns aos outros. Não se julguem nem se ponham uns contra os outros... Aliviem-se uns aos outros, como o fariam com Jesus, vosso divino Mestre. Sejam alegres. Mantenham-se unidos em meio dos vossos trabalhos, dificuldades e aflições, porque são servos, apóstolos de Jesus Cristo. Antologia p. 202

Capítulo Geral de Bagamoyo 3.1: *O 20º Capítulo Geral reconhece a importância vital da formação. A formação é um processo para a vida inteira e que conduz os candidatos à sua própria transformação sob a orientação do Espírito Santo.*

Questão para refletir:

Nas nossas casas de formação os formadores transmitem o carisma e a espiritualidade dos fundadores. No entanto, parece que na vida dos espiritanos há uma grande distância entre o que se aprende, se professa, e o que se vive na prática. Onde estará a raiz dessa distância? (*Reler, se possível, a Carta do Superior Geral de Outubro 2013*).

Dia 7 - O ENVIO DE MISSIONÁRIOS

O primeiro missionário a partir ligado à Obra dos Negros, como então se chamava, foi o P. Laval. Partiu em fim de Maio de 1841, para a ilha Maurícia, mesmo antes da abertura do noviciado de La Neuville. Le Vavas seur partiu para a ilha de Bourbon, hoje chamada ilha da Reunião, em Fevereiro de 1842 e o P. Tisserant para Santo Domingo, com destino ao Haiti, em Novembro desse mesmo ano. As contrariedades e desilusões depressa se fizeram sentir. Enfrentamentos com os governos locais e autoridades civis, oposição declarada dos brancos dessas ilhas e mau exemplo do clero existente, perturbações sociais. A realidade era bem diferente do sonho!

A grande viragem na perspectiva missionária da jovem Congregação deu-se quando D. Barron, nomeado Prefeito Apostólico das duas Guiné, território que ia do Senegal até ao Congo, pediu a Libermann que lhe enviasse missionários. Abria-se assim uma página nova na história desta Jovem Congregação. Os primeiros missionários para estes territórios partiram de Bordeus em Setembro de 1843. Libermann comenta o facto em carta ao P. Laval: “acabo de enviar sete missionários para África, para a costa da Guiné e Senegâmbia”. (ND IV 398) Libermann acarinhou de um modo especial este envio; era uma porta que se abria e ele via nisso um sinal da Providência. “Tudo nos levava a alimentar esperanças para esta missão tão vasta e tão abandonada”. Foi tudo bem preparado segundo as informações recebidas e em tudo se pensou. Mas passados poucos meses as notícias que chegaram de lá eram terríveis. Os missionários enviados iam morrendo uns atrás dos outros, e alguns acusaram Libermann de ter agido de modo precipitado. Libermann comentava estas perdas com o coração a sangrar: “*As provações a que Deus lá nos submeteu são tão desmedidas que tenho de ver nelas um sinal da sua divina providência. Estou convencido de que a divina bondade quis dar à Guiné os nossos sete missionários não como seus apóstolos mas como seus intercessores junto do seu trono de misericórdia.* (Ant. p. 207)

As provações não o desanimaram mas ajudaram-no a ser mais cauteloso no envio; ele sabia que o missionário tem de se identificar com Jesus e estar pronto a gastar a sua vida e ser imolado como Ele, mas sempre com a prudência que o Evangelho aconselha.

Leitura bíblica 2ª Cor 11,23-33 (*Leitura orante da Palavra*)

Texto de Libermann

Como Jesus Cristo, que foi enviado por seu Pai e viveu para seu Pai, do mesmo modo vós, que fostes enviados por Ele, deveis viver para Ele e no espírito de sua santidade... Um missionário enviado por Jesus Cristo, que não se santifica, que não santifica os seus sofrimentos, em verdade não santifica as almas. É necessário que a santidade de Jesus Cristo resida no missionário, e ao mesmo tempo esta santidade deve fundar-se no seu interior e produzir frutos em sua conduta, por seu trabalho e seu sofrimento. É assim que, a exemplo de Jesus Cristo, em verdade, Ele gera as almas para Deus, porque lhes comunica a vida do Salvador que está n'Ele. Devemos todos considerar-nos como vítimas dedicadas, pela vontade toda misericordiosa de Deus, ao trabalho, à dor, ao esgotamento e à morte, para a sua glória e para a salvação das almas.

Bagamoyo 1.1 *A missão que nos é confiada enquanto Congregação é a missão de Deus que se revelou como comunhão de três pessoas: o envio ao mundo, pelo Pai, do Filho e do Espírito manifesta o projecto de Deus de partilhar a sua vida e o seu amor com todos os seres humanos.*

Questão para refletir: Como missionário na vinha do Senhor, em que ponho mais empenho? Como entendo a necessidade de me santificar?

Dia 8 - A FUSÃO COM A CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Em diferentes campos de missão os Missionários do Sagrado Coração de Maria se encontraram com os Padres do Espírito Santo e nem sempre as relações foram cordiais, sobretudo nas colônias francesas. Algumas acusações mútuas ou denúncias, aparecem aqui e ali. Com sua calma habitual, Libermann acredita que a Providência se encarregará de mudar as coisas. *“A união das nossas duas sociedades sempre me pareceu conforme à vontade de Deus; dedicam-se à mesma obra, visam os mesmos objectivos; ora não é normal a divina Providência suscitar duas sociedades para uma obra específica, quando basta uma”*. Ant. p.427 A do Espírito Santo tinha um nome, uma história, um reconhecimento oficial diante do governo francês, mas faltava-lhe o entusiasmo de outros tempos, e alguma dificuldade em adaptar-se ao fenómeno crescente da emancipação dos escravos. Os filhos de Libermann, cheios de entusiasmo e voltados sobretudo para esta faixa humana, precisavam de mais apoio e reconhecimento. Nas diversas diligências tidas em Roma abordava-se o assunto e olhava-se a união das duas congregações como um bem maior para a Igreja. *“A Propagação da fé desejava ardentemente esta união”*. Libermann soube ler os sinais dos tempos, mas esperou o momento de Deus. Na realidade, com a morte do P. Fourdinier, um novo espírito de entendimento surgiu entre as duas congregações. Todas as dificuldades que até então se opunham com força invencível a essa fusão desapareceram e pelo fim do ano de 1848 operou-se a reunião de todos os membros.

“Vendo ainda que, unindo-nos, não renunciámos ao espírito em que devemos viver, nem sequer à nossa dedicação ao Sagrado Coração de Maria, achei que a união seria vantajosa para as duas Congregações. Parecia-me que a vontade de Deus ia no mesmo sentido e o consentimento de todos os membros parecia-me não oferecer dúvidas”. A Congregação conservava o seu antigo título do Espírito Santo e as suas constituições que podiam harmonizar-se perfeitamente com o espírito da Sociedade do Sagrado Coração de Maria.

Leitura bíblica: 1ª Cor 3, 1-13 (*Leitura orante da Palavra*)

Regulamentos de 1849, depois da fusão das duas sociedades.

O fim da Congregação é dedicar-se à salvação das almas mais abandonadas; por isso a vida dos seus membros deve ser apostólica, e devem aplicar-se à aquisição das virtudes características de uma tal vida... Para o aperfeiçoamento dessa vida apostólica para a conservação do fervor nos seus missionários e para a estabilidade e extensão das suas obras a Congregação tomou por regra fundamental e invariável que os seus membros vivam sempre em comunidade... A obediência e a pobreza são praticadas igualmente por todos. A pobreza consiste em não ter nada de próprio à sua disposição; os missionários devem receber tudo da comunidade e não dispor de nada sem permissão. *Antologia p. 503*

Uma Grande Família (*Torre d’Aguilha, relatório do P. Pierre Schouver, Superior Geral*)

Como é que vivemos todos nesta grande e complexa organização da Congregação? Não vivemos nela apenas para cumprir o nosso horário de trabalho nos dias úteis. Foi nela que comprometemos a nossa vida, para aí vivermos como irmãos de uma grande família “arco-íris”... Devemos viver nela de corpo e alma, não para nós mesmos, mas para missão à qual fomos chamados”.

Questões a refletir:

As divisões podem acontecer. Modos de ver e de trabalhar, diferentes caminhos na formação, origens culturais diversas. Como superamos as divergências que surgem entre nós espíritanos? Que pontos essenciais identificamos na cultura espiritana?

Dia 9 - AMAR ATÉ DAR A VIDA

Libermann viveu os últimos anos de sua vida como 11º Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, na rua Lhomond, onde estava o seminário dessa Congregação. Nesse seminário introduziu as necessárias mudanças para revitalizar o espírito missionário, mas sobretudo escreveu muito. Continuava a acompanhar o noviciado, que estava na abadia do Gard, a alguns quilômetros de Amiens, deslocando-se lá para fazer retiros e dar conferências. Ele tinha agora uma visão mais ampla e mais profunda da vida missionária. As “Instruções aos Missionários”, escritas em 1851, poucos meses antes da sua morte, reflectem o carinho que ele tem por esta obra e como desejaria que cada missionário vivesse a missão ao jeito de Jesus.

Com a consolidação e a extensão do trabalho em África, aumentavam também as preocupações. A sua saúde, que foi sempre frágil, começou a ressentir-se de tanta actividade. Em 1851 pouco antes da sua morte, escreveu aos missionários: *Tenho a alegria de poder dizer que sou tão africano e mais africano que todos vós porque tive todas as doenças da África: há sete anos uma disenteria; No verão passado comecei por uma febre estranha e acabei por uma febre hepática.* LS IV p 687

Aos missionários que lhe escrevem sobre as doenças e as dificuldades ele falava do sentido oblato da vida, da entrega total a Deus, por amor ao Pai, para salvação dos irmãos. Não falava como quem dá lições, é sempre difícil dar lições a alguém que sofre, mas como alguém que sabe o que é sofrer, porque o vivia no dia-a-dia. *“Alegremo-nos todos na paz de Jesus Cristo e na humildade do nosso coração, por sermos chamados por Deus a ser imolados com o seu Filho bem-amado” Ant. 261.* Poucos momentos antes de morrer dizia: *Sim, ofereço os meus sofrimentos por vós, por todos vós e também pela Guiné.* Libermann nunca esteve fisicamente em África, mas, na realidade, o seu pensamento e o seu coração nunca de lá saíram, desde que se sentiu chamado a integrar a “Obra dos Negros”. O seu coração era, de facto, dos Africanos.

Leitura Bíblica: 2ª Tim 4, 1-8 (*Leitura orante da Palavra*)

Texto Libermann: Caros irmãos, aprendei a apreciar as coisas com exatidão e segundo Deus, durante o pouco tempo que tendes de passar neste mundo. Este mundo tão miserável e tão pequeno, torna-se rico e grande para vós por vossos sofrimentos, que são tesouros de riquezas e de glória, e pelo desígnio misericordioso de nosso Deus todopoderoso e rico de bondade e de amor. Com firmeza e suavidade mantende-vos no caminho santo e laborioso no qual a bondade de Deus vos colocou. O caminho que seguís é o de Jesus, vosso divino Mestre; segui-o como Ele o seguiu, e, a seu exemplo, para santificar as almas, santificai-vos a vós mesmos, a fim de que elas sejam santificadas na verdade de Deus. Como Jesus Cristo, que foi enviado por seu Pai e viveu para seu Pai, do mesmo modo vós, que fostes enviados por Ele, deveis viver para Ele e no espírito de sua santidade. (*Antologia p. 261*)

Últimas palavras de Libermann citadas na RVE 38

Cada um de nós recorda as últimas palavras do padre Libermann: «Sede fervorosos, sempre fervorosos. Sobretudo a caridade, a caridade sobretudo... Caridade em Jesus Cristo, caridade por Jesus Cristo, caridade em nome de Jesus Cristo. Fervor, caridade, união em Jesus Cristo. Vejo-vos pela última vez. Estou feliz por vos ver. Sacrifiquem-se por Jesus. Só por Jesus. Deus é tudo; o homem é nada. Espírito de sacrifício, zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas»

Questão para refletir

Quais são as palavras do fundador que retemos na memória e mais nos influenciam?